

Fotógrafo João Farkas reflete sobre experiência e riscos no Pantanal

SEPTEMBER 21, 2020



Serra da Bodaquina, Rio Perdido (Foto: João Farkas)

Nas dez expedições que realizou entre 2014 e 2019, o fotógrafo João Farkas captou nuances do que generalizamos por Pantanal. Clicou os rios Taquari, Paiaguás e o Nabileque, foi de Nhecolândia, no sul, a Cáceres e Barão do Melgaço, no norte. Clicou araras-azuis e onças-pintadas, além do cotidiano pantaneiro. O resultado ele exibiu no livro *Pantanal* (Documenta Pantanal/Edições Sesc _SP, 2020), lançado no último mês de agosto, quando o incêndio que atinge o bioma ganhou proporções alarmantes.

"Pelo que se sabe os focos de incêndio que estiveram mais concentrados na região Sul do Pantanal agora estão alastrados pelo norte, ameaçando por exemplo a região de Porto Jofre onde há grande concentração de onça pintada e existe um turismo de avistamento muito próspero, agora ameaçado", conta João.



Lagoa Salina, Nhecolândia (Foto: João Farkas)

De fato, o Pantanal teve o maior crescimento de focos de calor entre os biomas brasileiros neste ano. Registros do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, dão conta de um aumento de 219% entre janeiro e meados de setembro de 2020, em comparação ao mesmo período de 2019. Em números totais, isso corresponde a 15,9 mil focos, até o último fim de semana.

À **GQ Brasil**, Farkas falou sobre as preocupações com o bioma e sobre seu trabalho que, em apenas um ano, virou registro documental de diversos cenários ameaçados - muitos dos quais profundamente transformados, senão extintos, do Pantanal:

GQ Brasil: João, quando o Pantanal chamou sua atenção e por que este bioma, dentre tantos outros no Brasil?

João Farkas: O Pantanal “mandou me chamar” através de alguns fazendeiros apaixonados pela região e preocupados com a acelerada deterioração do bioma (ou dos biomas, pois o Pantanal reúne uma enorme variedade de sub-regiões)

GQ Brasil: Quando foi sua primeira expedição por lá? Ao todo foram seis visitas, certo?

João Farkas: Minha primeira visita aconteceu no final de 2014, quando estava publicando o livro sobre a Amazônia Ocupada, que foi aliás o motivo pelo qual me convidaram a visitar o Pantanal (uma vez que seriam processos similares de ameaças). Depois disso foram mais 9 expedições. A maior parte para realização de imagens, mas também algumas viagens aconteceram por conta da produção de um filme documentário "O Homem Que Salvou a Terra" sobre o desastre ambiental do Rio Taquari e um senhor que resistiu à inundação de suas terras, recuperando quase metro-a-metro parte de sua fazenda. Neste caso trabalhei como co-diretor junto a Jorge Bodanzky.





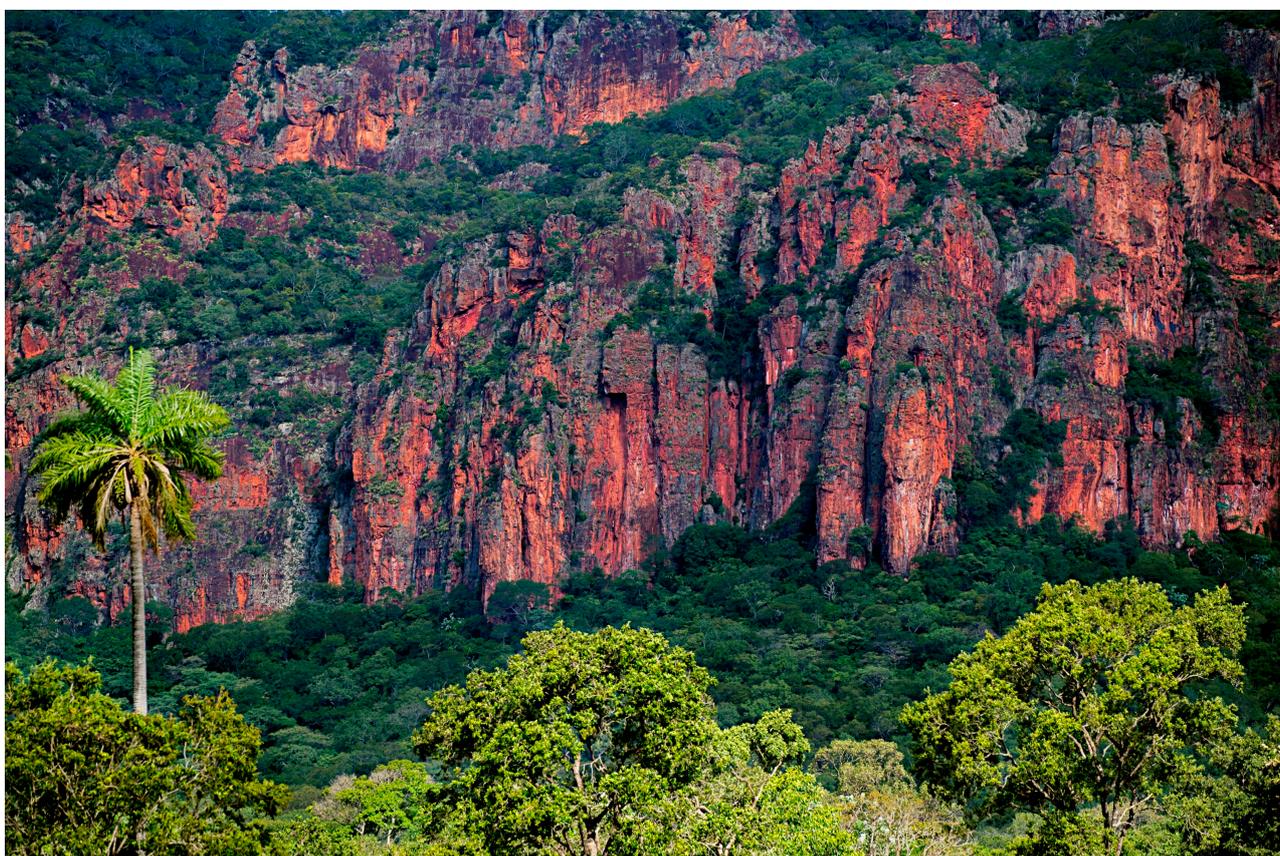
Paiaguás, vegetação morta pela inundação (Foto: João Farkas)

GQ Brasil: Quando o Documenta Pantanal entrou no seu horizonte? Qual a importância de uma iniciativa como esta, de documentação?

João Farkas: As vistas ao Pantanal tiveram enorme impacto sobre mim. A ponto de hoje, quando estou há quase um ano sem voltar, sentir muita falta do contato com tudo aquilo. O impacto foi duplo: de um lado o deslumbramento pela beleza e variação da paisagem e por outro o choque pela velocidade com que alguns aspectos/regiões do Pantanal sofrem pela ação humana e pela mudança climática do planeta. Acompanhei a luta de muitos apaixonados que trabalham para encontrar soluções sustentáveis para a região. Como tenho algum conhecimento de estratégias de comunicação me pareceu que além do trabalho de divulgação junto a autoridades e gestores estaduais ou nacionais, seria útil tornar o Pantanal mais conhecido pelos brasileiros em geral.

Apresentei estas ideias às pessoas com quem tinha contato e aquilo foi naturalmente se organizando, fazendo sentido. Não desejávamos nada muito

estruturado ou burocrático. Então saiu da ideia de Monica Guimarães e Teresa Bracher (duas mulheres fantásticas a quem o meu trabalho deve muito) uma espécie de selo que elas chamaram de DOCUMENTA PANTANAL, que funciona como um conector e apoiador de vários projetos fotográficos, cinematográficos e até culinários sobre a região. Lentamente o Pantanal começou a ser mais noticiado na mídia. Mas infelizmente foram as catástrofes dos incêndios em 2019 e principalmente agora em 2020 que colocaram o Pantanal definitivamente no centro das atenções ambientais do brasileiro.



Serra do Maracajú, Aquidauana (Foto: João Farkas)

GQ Brasil: As queimadas no Pantanal não são uma novidade - diz-se que é cíclica, com uma temporada anual, inclusive. Isso é verdade? O que mudou em 2020?

João Farkas: O fogo, pelo que se sabe, sempre esteve presente no Pantanal

João Farkas: O fogo, pelo que se sabe, sempre esteve presente no Pantanal, uma vez que a região alterna temporada de grande inundação com temporada muito seca. O Pantanal não é tão chuvoso quanto se poderia imaginar, suas águas vem dos planaltos que o cercam. Durante o período de seca as temperaturas são elevadas e aquela matéria orgânica vegetal acumulada é altamente inflamável. Qualquer início de fogo pode se alastrar rapidamente alimentado pelos ventos e progredindo rapidamente pelos campos nativos. Quase a totalidade destes focos de incêndio tem origem humana, mas nem sempre de caráter criminoso como se noticia. Às vezes um veículo acidentado na beira de uma estrada, uma fogueira mal apagada, um aceiro mal feito podem sair do controle com consequências enormes. Agora some-se a isso as maiores secas e as temperaturas mais altas de que se tem notícia na últimas décadas e o cenário está montado para a catástrofe que assistimos. Há notícias também de incêndios propositais para transformação de matas em pastagens. Mas não se pode perder a perspectiva de que o Pantanal por ser muito sensível e frágil é uma espécie de termômetro do Antropoceno - a maneira como o ser humano está transformando o planeta.

GQ Brasil: Por onde você passou em suas expedições? Você tem ouvido notícias sobre estes locais?

João Farkas: As expedições acabaram visitando todas as sub-regiões do Pantanal e seu entorno. Da mais conhecida Nhecolândia no sul a Cáceres e Barão do Melgaço no norte, passando pelo Nabileque, o Paiaguás, o Taquari etc. Mas tive oportunidade também de fotografar as terras altas que cercam o Pantanal como a Serra da Bodoquena (que é de uma beleza extraordinária) a Serra do Maracaju e também a reserva do Amolar - a serra que abriga

enorme quantidade de fauna e flora protegida por uma RPPN, mas não incólume ao fogo. Pelo que se sabe os focos de incêndio que estiveram mais concentrados na região Sul do Pantanal agora estão alastrados pelo norte, ameaçando por exemplo a região de Porto Jofre onde há grande concentração de onça pintada e existe um turismo de avistamento muito próspero, agora ameaçado. E o alarme soou forte quando a fumaça tornou quase insuportável a vida em Corumbá e Cuiabá por exemplo. Causando danos respiratórios, impedindo voos comerciais e outras consequências.



Cidade de Poconé, área de mineração industria (Foto: João Farkas)

GQ Brasil: O Pantanal é um lugar de muitas espécies endêmicas - de tuiuiú a cervo-do-pantanal, de araras-azuis a martin pescadores... - com quais delas você teve contato em suas expedições? E como você acha que o incêndio afeta estas espécies específicas?

João Farkas: Pelas imagens e relatos que nos chegam, as dimensões das

João Farkas. Pelas imagens e relatos que nos chegam, as dimensões das queimadas neste ano impediram que até animais nômades e rápidos conseguissem escapar da morte. Tive muito contato com as Araras-Azuis que já foram espécie em extinção e por conta do trabalho da bióloga Neiva Guedes voltaram a procriar. No caso delas por exemplo, quando o fogo destrói o fruto do Acuriri que é seu principal alimento elas, se escapam do fogo, não escapam da fome. Pela primeira vez tive notícia de onças que foram cercadas pelo fogo. Isto não é nada usual. Mas a médio prazo o dano é tão monumental pois toda a vida vegetal se desfaz e esta é a base da vida da fauna. A capacidade de recuperação do Pantanal é enorme, mas o poder destruidor do fogo e do assoreamento dos rios é igualmente vasto.

GQ Brasil: Em sua opinião, existe uma compreensão alta entre o brasileiro médio sobre o impacto dessa queimada de 2020? O que as pessoas ainda não entenderam sobre o assunto?

João Farkas: Existe uma crítica aos meios de comunicação que são acusados de dar destaque às más notícias, de serem alarmistas. Mas foi preciso que imagens e reportagens muito impressionantes batessem à porta dos centros de influência e de poder para que o Brasil se desse conta da enorme riqueza do Pantanal e da dimensão da perda que teremos com a destruição progressiva de uma área que tem a dimensão de um país como a Grécia ou a Síria. O Pantanal pode ser altamente produtivo tanto com a pecuária responsável quanto pelo turismo, capaz de gerar renda e emprego em grandes volumes. O Pantanal é um patrimônio da humanidade. Valiosíssimo em todos os aspectos, inclusive pela cultura do homem pantaneiro que conhece e interage com a região.



Capa de "Pantanal" (Foto: João Farkas)

GQ Brasik: Como alguém que está querendo ajudar pode começar?

João Farkas: A curiosidade e o interesse levam ao conhecimento e só podemos amar e respeitar aquilo que conhecemos. Uma coisa que todo brasileiro deveria fazer é tentar conhecer o Pantanal, visitá-lo ao menos uma vez na vida. O impacto de sua beleza, descrita pelo poeta Drummond como sendo similar à primeira manhã após a criação do universo, dará a qualquer pessoa com sensibilidade uma ideia mais clara do que é a natureza e do papel do ser humano dentro dela. A Terra é nossa casa, e como já se disse: o que o homem fizer sobre a Terra recairá sobre os filhos do homem.

<https://outline.com/uDAmbH>

COPY

 Annotations · [Report a problem](#)

Outline is a free service for reading and annotating news articles. We remove the clutter so you can analyze and comment on the content. In today's climate of widespread misinformation, Outline empowers readers to verify the facts.

[HOME](#) · [TERMS](#) · [PRIVACY](#) · [DMCA](#) · [CONTACT](#)